

RELAÇÃO GERMANO-RUSSA: "RELAÇÕES DESTRUÍDAS, VÍNCULO DE CONFIANÇA ROMPIDO" | POR THOMAS RÖPER

Posted on 20. Oktober 2020

Um ponto de vista de Thomas Röper.

As relações germano-russas foram destruídas, o vínculo de confiança foi cortado, a Alemanha rompeu com a Ostpolitik de Willy Brandt. Foi assim que o Ministério dos Negócios Estrangeiros russo comentou o estado das relações entre a Rússia e a Alemanha. Leia aqui a declaração oficial completa do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo.

Já em 1 de Outubro, interpretei as reacções de Moscovo na altura como significando que, do ponto de vista russo, o Governo Federal estava a destruir voluntariamente as relações com a Rússia, e expliquei isto em pormenor. Infelizmente, na terça-feira tornou-se claro que eu estava certo. Durante um painel de discussão no Fórum de Valdai, o Ministro dos Negócios Estrangeiros russo Lavrov anunciou que a Rússia deveria deixar de falar com a UE (e portanto também com a Alemanha) à luz dos recentes acontecimentos.

Durante cinco anos a Rússia suportou pacientemente sanções e ataques anti-russos por parte de políticos ocidentais sem tomar sérias medidas de combate. Especialmente com a UE, a Rússia tem sido indulgente, sabendo que muito do que veio de lá surgiu sob pressão dos EUA. Uma âncora importante para as relações russo-europeias foi - apesar de tudo - a boa relação entre Putin e Merkel. Tenho mencionado frequentemente que Putin nunca fala negativamente sobre outros políticos e que raramente fala positivamente sobre outros políticos sem ser questionado. Merkel foi a grande excepção, ele mencionou-a frequentemente de forma positiva.

A razão pode ser - por isso suspeito - que as coisas aconteceram de forma diferente atrás de portas fechadas do que em frente da imprensa. Por muito diferentes que Putin e Merkel sejam e por muito grandes que sejam as diferenças políticas, os dois obviamente confiaram um no outro. E especialmente para Putin, pelo qual ele é conhecido entre amigos e inimigos, a confiança pessoal é mais importante do que qualquer outra coisa. E quem uma vez traiu a sua confiança, como muitos exemplos do passado mostram, "morreu" por Putin com todas as consequências.

Merkel traiu esta confiança no caso Navalny, e por isso era previsível para mim, que lidei com Putin de

forma muito intensa, que Merkel tenha atravessado aqui uma linha vermelha do ponto de vista de Putin, que não poderia permanecer sem consequências.

As declarações de Lawrow na terça-feira foram também posteriormente confirmadas pelo porta-voz do Kremlin, e enquanto a mudança de época política que está actualmente a ter lugar é completamente ignorada pelos meios de comunicação social alemães, há especulações nos meios de comunicação social russos sobre como a nova não-relação entre Moscovo e Bruxelas, ou Moscovo e Berlim, poderá agora ser afectada. A Rússia anunciou entretanto que se está a retirar da cooperação na investigação do MH-17, porque, de qualquer modo, apenas a Rússia é acusada, e qualquer indicação que não aponte para a Rússia é ignorada. Contudo, isto é provavelmente apenas o início da reorientação da política externa russa.

Na quinta-feira, teve lugar a conferência de imprensa semanal do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo e a porta-voz Maria Sakharova falou em pormenor sobre a nova realidade e as razões para a mesma. Isto tornou-se o tema de três blocos temáticos sucessivos (novas sanções da UE, entrevista com o Ministro dos Negócios Estrangeiros Maas e como a OPCW está a lidar com o caso Navalny) e eu traduzi-o aqui numa só peça.

Como o texto se tornou, portanto, muito longo, considereei a possibilidade de o dividir em vários artigos. Mas decidi contra, porque as ligações ficariam confusas se as declarações fossem divididas. Como se tornou um texto muito longo, marquei excepcionalmente as afirmações em negrito, que são decisivas aos meus olhos. Acima de tudo, porém, trata-se de formulações como as que não foram ouvidas de Moscovo na direcção da UE e, sobretudo, na direcção de Berlim desde a época de Adenauer.

Início da tradução da declaração oficial russa:

Sanções da UE

Nas últimas 24 horas, a União Europeia "nasceu" uma série de sanções contra cidadãos e entidades jurídicas russas. Para além das medidas anteriormente anunciadas relacionadas com o chamado envenenamento de Alexei Navalny, foram impostas restrições ao alegado envolvimento na desestabilização da situação na Líbia, incluindo a violação do embargo de armas da ONU contra o país.

As declarações da União Europeia citadas como justificação para estas decisões não só não resistem às críticas, como também estão à beira do absurdo. Evidentemente, não foram apresentadas provas. Consideramos totalmente inaceitáveis as tentativas da UE de usar a autoridade da ONU para encobrir os seus objectivos políticos nocivos.

Advertimos repetidamente os nossos colegas em Bruxelas e noutras capitais europeias que o desejo obsessivo da UE de culpar a situação com a Navalny do lado russo se tornará um "teste decisivo" para as nossas futuras relações com a UE. É com pesar que constatamos que as nossas palavras não foram tidas em conta. Estas etapas não permanecerão sem a nossa resposta adequada.

Mais uma vez, apelamos à União Europeia a regressar ao direito internacional e a não dividir os Estados em parceiros geopolíticos "dignos" e "indignos", mas a optar por uma cooperação estável e progressiva em vez de agravar os confrontos em vez de agravar os objectivos políticos a curto prazo.

Entrevista com o Ministro Federal dos Negócios Estrangeiros Maas

A 13 de Outubro de 2020, numa entrevista com a agência noticiosa russa RIA Novosti Federal Foreign Minister Maas descreveu a situação em torno do envenenamento da Navalny como "não um objecto das relações russo-alemãs". Consideramos tais declarações como uma manobra de diversão táctica que serve de cobertura para o curso da Alemanha para destruir as relações bilaterais. Recordamos que foi Berlim que se esquivou abertamente às suas próprias obrigações legais internacionais de prestar à Rússia assistência prática na investigação do incidente envolvendo o cidadão russo e utilizou esta história para fazer as conhecidas acusações infundadas, ultimatos e ameaças contra o nosso país, e que a Alemanha tomou mais uma vez a iniciativa como locomotiva para novas sanções anti-russas no seio da União Europeia e de outras estruturas multilaterais.

Rejeitamos categoricamente as declarações feitas pelo Sr. Maas, não pela primeira vez em público, de que representantes do governo russo afirmam que a Navalny se envenenou a si próprio. Isso é uma pura mentira. Nunca ninguém fez tais declarações. Consideramos estas palavras do Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão como uma provocação que deixou todos os quadros de ética.

Não podemos considerar sinceras as declarações do Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão de que Berlim tem interesse em manter boas ou pelo menos razoáveis relações entre a Rússia e a Alemanha. Gostaríamos de salientar que a natureza e importância das relações russo-alemãs na consciência pública são determinadas não só pela geografia, como o Sr. Maas afirmou na entrevista, mas também, e em particular, pela nossa história comum, na qual, só no século XX, acontecimentos tão fatídicos como a libertação da Alemanha e da Europa do nacional-socialismo pela União Soviética, a reconciliação sem precedentes dos povos dos nossos países no período pós-guerra e a contribuição decisiva de Moscovo para a restauração da unidade alemã estão inscritos. O Governo alemão está a minar a confiança construída ao longo de décadas, que foi a base da amizade entre a URSS e a RDA e da Ostpolitik de Willy Brandt. Hoje, Berlim está a separar-se do legado político tanto da RDA como de Willy Brandt.

O laço de confiança mútua foi rompido. E isto não se deve às acções russas, mas à política do Ocidente nos últimos anos: a expansão da OTAN apesar das garantias em contrário, o apoio dos militantes no Cáucaso russo, a cobertura política para o revanchista, a agressão militar da Geórgia sob a liderança de Saakashvili em 2008, o apoio ao golpe anti-russo liderado pelo Ocidente na Ucrânia em 2014, e muito mais.

Quanto às observações do Maas sobre a situação actual na Bielorrússia, apelamos ao Ministro dos Negócios Estrangeiros alemão para que não interfira nos assuntos internos do Estado com o qual a Rússia forma um Estado unionista. Estamos certos de que os bielorrussos não precisam de instruções de Berlim ou de outras capitais estrangeiras para chegarem a acordo sobre questões socialmente importantes que só os afectam. A intervenção agressiva do Ocidente colectivo nos processos políticos internos de países terceiros conduz inevitavelmente à emergência de novos pontos problemáticos no mapa mundial.

O tratamento do caso Navalny pela OPCW

Durante a 95ª sessão do Conselho Executivo da OPCW em Haia, a 9 de Outubro, realizou-se uma discussão politizada por iniciativa dos EUA sobre o incidente envolvendo o blogueiro russo Navalny. O grupo euro-atlântico "Commonwealth" e os seus satélites tentaram atribuir à Rússia uma violação grosseira da Convenção sobre a Proibição de Armas Químicas.

Isto aconteceu no contexto da cooperação não-transparente da OPCW com a Alemanha na recolha e análise de amostras do cidadão russo. As informações sobre o pedido de Berlim à OPCW só foram tornadas públicas 10 dias após o pedido escrito da Alemanha à Organização, quando se tornou claro que os resultados dos peritos médicos militares alemães tinham sido confirmados por dois laboratórios militares semelhantes em França e na Suécia.

Recordo que este é um incidente que teve lugar em território russo envolvendo um cidadão russo. Ocorreu na Rússia, onde tudo foi feito para salvar a vida da Navalny: a aterragem de emergência do avião em Omsk, a assistência médica prestada imediata e competentemente por médicos russos, que estabilizou o estado do paciente no prazo de dois dias, a autorização não burocrática e imediata de o transportar para uma clínica alemã para tratamento, embora não lhe tenha sido efectivamente permitido sair do país em ligação com procedimentos legais.

Neste contexto, é, no mínimo, pouco convincente acusar o Estado russo de ter interesse em envenenar o blogueiro Navalny com armas químicas. É ilógico que o governo russo, que alegadamente o terá envenenado de uma forma extremamente perigosa e específica, o entregue aos cuidados dos químicos do exército alemão. Isso é um absurdo.

Outra questão é como o lado alemão foi capaz de identificar o chamado "Novichok" nas amostras retiradas da Navalny. Segundo a Alemanha, tal classe de substâncias nunca foi aí sintetizada, mas foi encontrada "para além de qualquer dúvida", segundo nos dizem. A mesma questão deve ser colocada aos laboratórios da OPCW em França e na Suécia.

A posição da Berlim oficial não resiste a críticas. Eles preferiram uma campanha propagandística com declarações sensacionalistas de altos representantes a um diálogo civilizado entre as autoridades competentes. Se, como eles dizem, têm "provas de envenenamento" nas mãos, o que os impede de as apresentar ao lado russo? Além disso, nem sequer a põem à disposição dos seus aliados. São os próprios aliados da Alemanha que o dizem. Admitem que acreditam em Berlim pela sua palavra. Aparentemente, isto é uma espécie de disciplina de bloco: uma pessoa diz "acreditem em mim" - e todos acreditam nele. Mas não

foram apresentadas quaisquer provas, nem sequer é discutida.

Quando as agências de aplicação da lei russas recorrem repetidamente a parceiros alemães em busca de ajuda, o lado alemão, em vez disso, permanece em silêncio, mantém a sua linha e diz: "Vocês envenenaram a Navalny, mas nós não vos daremos nada e também não falaremos convosco.

Este comportamento é contrário ao quadro legal existente e à prática da cooperação russo-alemã. Os pedidos de assistência jurídica da Procuradoria-Geral da Rússia - já foram quatro para a Alemanha e um para a França e Suécia - foram enviados com base na Convenção Europeia de Auxílio Judiciário Mútuo em Matéria Penal de 1959. Mas desta vez algo correu mal.

A Rússia nunca forneceu um motivo para questionar as suas obrigações ao abrigo da Convenção sobre Armas Químicas. No nosso país, todos os stocks de armas químicas foram completamente destruídos antes do prazo acordado, o equipamento tecnológico relevante foi desmantelado, o sistema de verificação em instalações químicas está a funcionar e estamos a participar na cooperação internacional em matéria de não-proliferação de armas químicas.

De acordo com os métodos de trabalho da OPCW, aos quais os parceiros alemães abordaram esta questão, são obrigados a cooperar com a Rússia no âmbito da Convenção. Enviámos-lhes um pedido nesse sentido. Em vez de uma resposta, receberam uma desculpa.

Estamos à espera de respostas aos pedidos de assistência jurídica da Suécia e França, que lhes enviámos porque alegadamente encontraram uma textura que indicava que o cidadão russo tinha sido envenenado. Recordamos que, ao abrigo do direito penal nacional de muitos países, a ocultação de provas das autoridades responsáveis pela aplicação da lei que conduzem investigações preliminares ou que investigam um crime é qualificada como cumplicidade nesse crime e é punível por lei.

O Secretariado Técnico da OPCW é também obrigado a desempenhar as suas tarefas e a fornecer explicações concretas ao Estado Parte, neste caso a Rússia. Tendo em conta a situação em torno do chamado "envenenamento" da Navalnys anunciado por vários países, enviámos uma proposta à liderança

do Secretariado Técnico da OPCW no dia 1 de Outubro deste ano para enviar peritos à Rússia para trabalharem com peritos russos nesta matéria. Isto é necessário a fim de encontrar provas de possíveis crimes no território da Federação Russa. Estão actualmente em curso trabalhos para preparar a visita.

Até agora, não vemos no Ocidente qualquer vontade de cooperar com o lado russo, limita-se à retórica que ouvimos. Muitas vezes é simplesmente inaceitável. O objectivo é óbvio - tentar novamente, sem provas, acusar a Rússia e criar um pretexto para impor novas sanções ao nosso país.

Thomas Röper, nascido em 1971, ocupou cargos executivos e de conselho de supervisão como perito em empresas de serviços financeiros na Europa de Leste e na Rússia. Hoje, vive no seu país de adopção, São Petersburgo. Vive na Rússia há mais de 15 anos e fala fluentemente russo. O foco do seu trabalho mediático-crítico é a imagem (mediática) da Rússia na Alemanha, as críticas à cobertura mediática ocidental em geral e os tópicos de (geo)política e economia.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Este artigo foi publicado pela primeira vez em 15. 10. 2020 em anti-spiegel.ru

+++

Fonte da imagem: Golden Brown / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK